

HILDA HILST E OS LANDAYS FEMININOS AFEGÃS: UM DIÁLOGO COM A POESIA MEDIEVAL DE AUTORIA FEMININA

Bruno Rafael de Lima Vieira (Doutorando em Letras pela UFPB)

Ana Ximenes Gomes De Oliveira (Doutoranda em Literatura e Estudos Culturais pela UFPB)

RESUMO

Nosso estudo traz para a aproximação autoras, da escrita e da oralidade, que contribuíram na literatura para construir e fortalecer a resistência de mulheres contra o sistema patriarcal e sexista de diferentes territórios do mundo. Os *landays* femininos afegãs e a poesia de Hilda Hilst se conectam com a poesia medieval escrita por mulheres, trazendo uma tríade que resgata uma voz feminina sobre feminilidade, erotismo, liberdade e aprisionamentos. A partir de uma luta diária de ser mulher, tendo esta categoria como algo múltiplo que se diferencia a partir de suas determinadas subjetividades e contextos, históricos e sociais, em tempo e espaços distintos, estes sujeitos enunciadorez ocuparam (reestabeleceram) os lugares de fala que foram omitidos em detrimento da disputa dos discursos de poder. Para produzir a discussão do escopo do nosso trabalho trazemos em tela pesquisas da crítica literária feminista que abordam: a produção de autoria feminina no período medieval e seu lugar social direcionado por uma sociedade falocentrada; as mulheres afegãs que denunciam o silenciamento sofrido dentro do patriarcado e a poeta brasileira que, ao referenciar uma escrita poética medieval de mulheres, traz o eu-feminino como sujeito de autonomia e criação.

Palavras-chave: Autoria feminina. Landays. Hilda Hilst. Poesia medieval. Crítica Feminista.

ABSTRACT

Our study brings to the convergence female authors, from writing and orality, who contributed in the literature to build and empower the resistance of women against the patriarchal and sexist system from different territories of the world. The afghan feminine *landays* and Hilda Hilst's poetry connect with medieval poetry written by women, bringing a triad that rescues a feminine voice about femininity, eroticism, freedom and imprisonment. From the daily struggle of being woman, having this category as something multiple that differs from their subjectivities and contexts, historical and social, in distinct time and spaces, these enunciators subjects occupied (reestablished) places of speaking that were omitted in detriment of the dispute in the speech of power. In order to produce the discussion of the scope of our paper, we bring to the fore researches of feminist literary criticism that deal with: the production of female authorship in medieval time and its social place directed by a phallogocentric society; the afghan women who denounce the silencing suffered inside the patriarchate and the Brazilian poet who, in referring to a medieval poetical writing of women, brings to the feminine-self as subject of autonomy and creation.

Keywords: Female Authorship. Landays. Hilda Hilst. Medieval Poetry. Feminist Criticism.

Às mulheres historicamente foi, por vezes, negado o status social como sujeitos de suas vidas, o que reverberou no ambiente da casa, do matrimônio, da vida social e coletiva, na política, no campo intelectual e nas relações afetivas. Diante disso, é notória a construção de um ambiente inóspito para o feminino, tanto para a escrita como no cânone literário. No período medieval, mesmo com as dificuldades encontradas para o letramento das mulheres e a educação feminina, principalmente aquela que não fosse vinculada diretamente à vida religiosa, muitas escritoras conseguiram escrever e publicar suas poesias, tendo ainda uma pequena quantidade que realmente conseguiu sobreviver de seus trabalhos intelectuais. O registro que se tem na história é muito escasso em relação à produção masculina de igual época. Contudo, isso não foi empecilho para que a existência de mulheres produzindo literatura se realizasse. Escritoras como Cristine de Pizan, Marguerite Porete, entre outras, ocuparam o espaço de trovadoras, as *trobairitz*, previamente dominados por homens.

Oriundas da linguagem escrita ou da oralidade, essas mulheres se aproximam na resistência feminina, em que denunciam condições de opressão e sofrimento, assim como externizam desejos amorosos e subjetivos, negados pela sociedade masculinista a qual foram inseridas. Como um gênero literário diferente ao Ocidente, os *landays* de autoria feminina afegã se constituem como um grito de auto-representação, em que mulheres se inserem com suas subjetividades silenciadas socialmente, porém cultuadas entre si a partir de um clã feminino que participa tanto da criação, da inspiração, como da divulgação e afirmação no tempo-espaço de um território tão difícil para a produção intelectual e íntima das mulheres. No Brasil, a poeta Hilda Hilst apresenta uma estética-literária que também traz esta voz feminina recheada de desejos e anseios particulares. Esta voz entra em diálogo na poesia de Hilda com a balada e com as *trobairitz*, até a década de 1960, com a obra *Trovas de muito amor para um amado senhor*.

CONDIÇÃO FEMININA E CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO

Localizado no coração do Oriente Médio, o Afeganistão é uma terra milenar, sua gênese teria se dado por volta de 3.000 a 2.000 anos antes de Cristo. A geografia naturalmente montanhosa de suas terras foi, durante séculos, um escudo protetor contra as invasões estrangeiras. A aridez da maior parte de suas regiões parece mimetizar tanto o

[64] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. "Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...", p. 62 - 77.

passado quanto o presente duros, turbulentos e violentos. Na realidade, a narrativa histórica do país carrega cicatrizes de incontáveis problemas políticos e crises sociais. Porém, mesmo na contemporaneidade, enormes e doloridas feridas são abertas praticamente todos os dias acentuando ainda mais o drama afegão que, muitas vezes sofre, com o silenciamento e esquecimento.

Em 1919, o Estado afegão foi reconhecido como uma nação independente pelo Império Britânico. O novo momento político do país abriu espaço para uma “modernização” que tinha como pano de fundo a secularização do país. Com isso, houve conquistas significativas, inclusive para as mulheres, como a suspensão da obrigatoriedade do véu, além de abrir espaço para elas na educação, costume que lhes foi negado por séculos. Os planos de renovação do Afeganistão foram levados à frente até meados da década de 70, do século XX, quando uma revolução implantou o socialismo no país. Porém, isso não foi um ponto pacífico, pelo contrário, os mulçumanos não apoiaram a iniciativa, levando o Afeganistão a mergulhar em uma luta armada.

A já emaranhada trama política do Afeganistão complicou-se ainda mais com invasão soviética. Com ajuda dos Estados Unidos, as tropas guerrilheiras-rebeldes fizeram sucumbir o exército da URSS¹, derrotando-os. Mais a frente, os Russos se retiraram do país, mas a guerra civil continuou. Em 1992, uma república Islâmica foi instalada com o apoio de várias facções rivais, o acordo não durou muito tempo, causando violentas disputas internas pelo poder. Diante desse caos, o Talibã assumiu o governo do Afeganistão até ser destituído em 2001 pelos EUA.

Considerado uma organização terrorista pela sua luta política vista como extremista, e seu posicionamento radical, o Talibã governou o Afeganistão com punho de ferro. Durante seu advento político no país, vários direitos civis básicos foram cerceados. As medidas atingiam toda a sociedade, mas as mulheres foram impactadas de maneira mais profunda, vivendo durante anos silenciadas, praticamente nas sombras da sociedade afegã, realidade que ainda ecoa nos dias de hoje.

Aqueles que ousassem descumprir com alguma das imposições feitas pelo Talibã deveriam sofrer represálias pelos seus atos de desobediência, para tanto, os castigos públicos foram tomados como medidas exemplares para os demais não saírem do controle.

¹ União das Republicas Socialistas Soviéticas

Dentre os “procedimentos” mais corriqueiros para se manter a “ordem” estavam o açoitamento em praça pública, ter os membros decepados, ou ser apedrejado.

O site RAWA - *Revolutionary Association of the Women of Afghanistan*, ou em tradução livre para o português, Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão, que tenta dar voz as mulheres afegãs e suas causas, reunindo em sua página na internet documentos, notícias, fotos e eventos voltados para as causas feministas do país, listou vinte e nove proibições que foram feitas às mulheres pelo Talibã. Algumas delas que trazemos como destaques são: as mulheres foram proibidas de trabalhar ou fazer alguma atividade de cunho financeiro remunerado fora de casa; eram impedidas de fazer compras com comerciantes do sexo masculino; não poderiam estudar, praticar esportes, nem serem tratadas por médicos homens; teriam que usar a burca obrigatoriamente, além de esconderem seus tornozelos; eram-lhes vetados usar salto alto, rir em um tom elevado, ou vestir-se coloridamente; utilizar banheiros públicos; e para completar o apagamento social feminino estava dentre as medidas, a trocar da palavra “mulher” de qualquer avenida ou praça, por exemplo: “Avenida Mulheres”, seria chamada de “Avenida das Palmeiras”.

Como dito, o Talibã caiu em 2001, mas a violência contra as mulheres do Afeganistão parece ser um fato já tão incrustado socialmente que nem o fim do governo do grupo extremista conseguiu pôr fim. Na verdade, segundo o site UNRIC², ligado a ONU³, o lugar da mulher dentro da sociedade afegã é alvo de ataques constantes tanto por questões culturais que tentam silenciá-las como do próprio Talibã que busca reergue-se. Diante disso, o governo e as instituições do país se mostram incapazes de zelar pelos direitos femininos e suas obrigações públicas.

Assim, como podemos perceber, a exclusão feminina dentro do Afeganistão está atrelada de maneira inquestionável a questões religiosas de curvaturas extremistas. Porém, o desmantelo da sociedade afegã pode também ter ligação com os anos em que o país passou como uma “colônia” inglesa, no século XIX. Pois, aonde os tentáculos do colonialismo⁴

² Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/25053> Acessado dia 06 de Setembro de 2017

³ Organização das Nações Unidas

⁴ Young (2005) caracteriza o colonialismo como: [...] uma máquina – uma máquina de guerra, de burocracia e administração, e sobre tudo de poder: ‘toda espécie de mecanismo e maquinaria [...] testemunha de um enorme poder lançado, e resistência vencida’. (...) O colonialismo, em suma, não era apenas uma máquina de guerra e administração, mas também uma máquina desejanse. Esta máquina desejanse, com seu apetite ilimitado por extensão territorial, por ‘crescimento e auto-reprodução infinitos’, por fazer conexões e disjunções, continuamente forçava territórios, histórias e povos dispares a se reunir como corpos estrangeiros na noite” (p.119).

européu tocaram, marcas profundas ainda se evidenciam na estruturação dessas sociedades, podendo ser vistas até hoje, e acreditamos que no Afeganistão não foi diferente.

Os diversos autores que se debruçam sobre as questões pós-coloniais, dentre eles Bonnici (2005) e Young (2005), indicam-nos caminhos possíveis para entendermos, em partes, a sociedade afegã e algumas de suas marcas mais profundas: o machismo e o silenciamento feminino. Ora, a sociedade colonial era estratificada, machista e patriarcalista, tendo como centro a figura do homem, criatura elevada, detentor do poder.

Contudo, no contexto colonial, essas “qualidades” viris cabiam, na maioria das vezes, apenas aqueles homens que tivessem ligações com o colonizador. Os nativos, em geral, eram vistos como “afeminados”, com “trejeitos” e “fracos”. Essa imagem, de uma aparente feminilidade dos nativos, acabou gerando medonhos movimentos internos dentro das colônias, ou seja, para afirmarem sua masculinidade os colonizados precisaram se “afirmarem” como homens, criando um efeito cascata e agindo com mais violência contra as mulheres de suas próprias comunidades. Nesse contexto, as mulheres passaram a ser duplamente marginalizadas, ou ainda duplamente colonizadas, tanto pelos colonizadores, o que acontecia também aos homens, como também pelo sistema colonial que lhe impunham a hierarquização e o silenciamento.

Olhando para os pontos acima levantados podemos classificar as mulheres afegãs dentro do grupo que foi classificado por Spivak (2010) como “subalternos”, ou seja, elas fazem parte de uma minoria que historicamente não tem voz, representatividade, vivem às margens da sociedade sujeitas às vontades do poder que lhes aprisionam e excluem, “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p.12).

Mais a frente, a autora completa:

Entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização’. (...) ‘O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à ‘mulher’ como um item respeitoso nas listas de prioridades globais’ (SPIVAK, 2010, p. 119-126).

Essas mulheres afegãs silenciadas pela sua sociedade que tem como alicerce poderes visíveis e simbólicos de repressão, teriam possibilidade de falar, de serem ouvidas, mas elas precisariam de um intermediário, alguém que, de alguma forma, promova essa voz abrindo esse espaço, já que sozinhas elas não conseguiram ser ouvidas, muito menos alcançariam alguma representatividade significativa. Dessa maneira, seria necessário o auxílio de um intelectual que abrisse caminho para aquelas que pretendiam falar.

Olhando para o caso do Brasil, o contexto sócio-político tem e teve extremas diferenças nas disputas de poder e na imposição de um poder hierárquico de gênero. No Brasil as mulheres conquistaram ainda na primeira metade do século XX seu direito ao voto, o chamado sufrágio feminista, através das lutas dos movimentos pelos direitos das mulheres. A educação também foi um direito conquistado muito antes do contexto afegã citado, avançando também para a entrada das mulheres no campo da política, da academia e de diversas áreas trabalhistas, gerando uma independência conquistada que se fortifica e continua até os dias de hoje.

Contudo, apesar das singularidades e diferenças contextuais das lutas femininas (e feministas) dos dois territórios citados, sabemos as dificuldades e desigualdades de gêneros que as mulheres tiveram que enfrentar, ainda se perduram até a contemporaneidade. Um sistema patriarcal consegue atuar de múltiplas maneiras nas formas de opressão e repressão, de acordo com as outras categorias que são manipuladas enquanto ferramentas de controle para o patriarcalismo se consolidar, como a religião, por exemplo. A filiação de mulheres a um movimento específico de luta não consiste numa única representação de luta contra a opressão. A resistência diária e, também, representada através da arte está conectada a uma luta enquanto conceito de oposição ao pensamento padrão falocentrado. Como aponta Costa (1998),

(...) a “interdependência de diferentes forças” dentro do feminismo assinala sua principal virtude em relação a outros movimentos sociais e discursos, principalmente quando consideramos as articulações que o feminismo constrói entre as variadas posições de sujeito visando objetivos políticos, materiais e culturais específicos (p. 1).

Assim, mulheres que atuam contra essa configuração política da sociedade, vivenciando desigualdades e silenciamentos diários trazem um discurso que dá voz ao

sujeito feminino. Essa atuação de auto-representação está abarcada pela noção basilar do movimento de libertação das mulheres, dentro de suas complexidades individuais.

Auto-representação feminina na escrita, uma herança medieval

Ao longo da história as mulheres, assim como outros grupos, têm sido tradicionalmente silenciadas, inclusive no Ocidente. As obras escritas por mulheres, durante a Idade Média (V-XV d.C.), estiveram por anos silenciadas e esquecidas em diversos ambientes, inclusive na academia. Um dos motivos que pode explicar esse apagamento é a exclusão dessas obras daquilo chamado de “cânone literário”, além dos textos em questão terem sido tecidos por mulheres.

Esse apagamento se deu durante a Idade Média, e ainda podemos pensar que isso ocorre nos dias de hoje, motivado pelo patriarcalismo e, como no caso do Afeganistão, pela falta de uma “educação formal” para as mulheres, já que muitas delas não podiam/podem frequentar escolas. Aquelas, no medievo, que conseguiram se expressar publicamente podem ser consideradas, na verdade, uma “curva para fora da reta”, por destoarem da realidade de sua época. Porém, mesmo envoltas a um denso cerceamento, algumas obras de mulheres medievais conseguiram chegar a nossa contemporaneidade. Nesses textos podemos encontrar elementos que buscam destacar, dentre outras coisas, uma forma de auto-representação feminina, enfatizando as relações de gênero, argumenta Deplagne em seus textos, que ainda diz que uma leitura dos textos de autoria feminino nos deixaria perceber traços identificadores dessa escrita.

A valorização da mulher se dava através da poesia do “*fîn amors*”, ou como diz Deplagne: através de uma representação da vassalagem do trovador em relação à Dama que se fará visivelmente materializada na poesia *trobairitz*, ou seja, as poetisas trovadores dos séculos XII e XIII. Essas poesias buscavam a valorização feminina justamente através de uma auto-representação delimitada por uma positividade. Além disso, é uma poesia que serve como resposta feminina à literatura dos trovadores masculinos. Deplange (2009,2016) diz que apesar de se enquadrarem no mesmo código de amor cortês, o conjunto de poemas das mulheres trovadoras apresentavam um estilo mais livre com graus de subjetividade maiores em relação a dos homens, isso se justificava na própria motivação que levava as mulheres a escreverem, pois “encontravam nessa atividade um meio de expressão, de se

[69] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

tornarem visíveis, portanto, razões pessoais” (p. 292), diferente dos homens que tinham uma motivação, muitas vezes, de ordem pessoal.

Nessas auto-representações femininas é comum observar uma espécie de inferioridade, sendo isso, na verdade, um reflexo direto de sua posição social ao qual estavam vitimadas em seu tempo. Por outro lado, esse posicionamento de inferioridade pode ser visto como uma estratégia para entrarem em um campo pertencente ao homem, porém, reforçando, carregando um grau de subjetividade maior. Dessa forma, as mulheres invertem os códigos dos trovadores, tomando para si o papel ativo.

O CONTEMPORÂNEO E O MEDIEVO NO FEMININO

A partir de uma herança deixada pelas *trobairitz* na história da poesia de autoria feminina, observamos na contemporaneidade um movimento interligado que resgata essas autoras, seja pela forma estético-literária e sua marca na história, ou seja pelos temas tratados em suas composições, que transparecem muitos anseios femininos que protagonizaram lutas de mulheres em suas sociedades, mas que ainda se perduram tardiamente em contextos atuais.

A primeira obra que faremos essa aproximação com a poesia das *trobairitz* será o livro intitulado *A voz secreta das mulheres afegãs: o suicídio e o canto*, organizado pelo escritor Sayd Bahodine Majrouth, que teve sua primeira publicação em 1994 e que posteriormente foi traduzido para o português pela poeta portuguesa Ana Hatherly. Majrouth nesse livro buscou resgatar as vozes interdidas das mulheres afegãs, que através de um canto, os *landays*, originário da tradição oral conseguem ter espaço de voz assim como podem ouvir e registrar na história as vozes das outras mulheres que as rodeiam. Os cantos são apresentados em afazeres realizados coletivamente entre mulheres, em que uma repete e divulga o canto das outras, a partir de uma relação de identificação subjetiva.

Os *landays* são textos poéticos curtos de apenas dois versos que podem ser escritos por homens ou mulheres, sendo em sua maioria de autoria feminina. Como diz Sayd Majrouh, só raramente essas melodias proferidas por homens e clérigos “atingem a sobriedade profunda e pura dos *landays* femininos” (2005, p. 12). Na introdução do livro, Majrouh aponta que:

[70] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

todos os *landays* apresentados neste estudo são provenientes do florilégio feminino, revelando-se incomparável a autenticidade das suas sonoridades, porque é um rosto fascinante o que emerge destes textos onde a mulher canta e fala de si própria, do homem e do mundo que a rodeia: um rosto orgulhoso, impiedoso e revoltado (ibidem, p. 12-13).

De acordo com Majrouh (2005, p. 11), os *landays* femininos apresentam muitas distinções da poesia persa: não há nesses textos nenhuma aspiração a serem declamados; não apresentam uma exaltação ao Senhor ou aos céus, nem mesmo ao amor místico. Além disso, a linguagem não apresenta um *requinte* ou *jogos de palavras*, como pode ser encontrado na poesia tradicional. Os *landays* femininos apresentam uma simplicidade única, porém de intensa profundidade subjetiva. A voz que exala desses textos são vozes que gritam para serem escutadas, que desejam externizar uma subjetividade impedida e interdita pela tradição e pelos costumes políticos e sociais. Como aponta Majrouh (2005):

a grande originalidade dessa poesia popular é a presença activa da mulher. Se, como em toda parte, ela é o suporte da inspiração dos estribilhos masculinos, aqui ela impõe-se sobretudo como criadora, como autora e sujeito de numerosos cantos (p. 11).

Essas mulheres que pertencem a comunidade pashtun têm uma condição de vida bastante dura, além de inseridas desde o berço em uma inferioridade clânica, que posiciona os homens, desde que nascem, ao lugar de superioridade e privilégio à subserviência feminina. Apesar dessa condição de trabalho e servidão tão intensa e cruel para as mulheres, nos *landays* produzidos por elas o discurso mais presente é aquele que reclama o posicionamento moral que é ocupado e destinado ao feminino. Segundo Majrouh (2005), “A menina torna-se moeda de troca entre as famílias do clã sem jamais ser consultada. Passa a vida inteira num estado de inferioridade, de subordinação e humilhação. O seu próprio marido não se digna partilhar as refeições com ela” (p. 13-14).

Assim, podemos observar tais evocações nos seguintes *landays*:

*O destino deu-me por esposo uma criança que eu educo
Mas quando ele for grande e forte, eu já serei velha e fraca*

*Gente cruel eu vedes um velho me levar para a sua cama
E perguntais-me porque choro e me arranco os cabelos!*

Ó Deus, envias-me de novo a sombria noite

[71] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

*E de novo tremo da cabeça aos pés porque tenho de entrar
no leito que odeio*

(ibidem, p. 17).

Esses primeiros três *landays* que iniciam o livro apresentam um forte retrato da condição feminina nesse território. O ódio e o repúdio ao marido e ao casamento são explicitados acima. Para as mulheres é vedado o direito ao amor e à sua sexualidade, tendo muitas vezes que se casar com homens muito mais velhos do que ela, ou mesmo com meninos ainda crianças, não lhe cabendo nunca o direito à oposição. A traição é punida com morte para a mulher e seu assassinato é visto como punição educativa para todo o clã.

Contudo, mesmo diante de todas as repressões vividas as mulheres afegãs conseguem desejar um amado e externizar isso na arte. A literatura passa a ser, então, um *locus* de atuação enquanto sujeito, se deslocando do lugar objetificado da tradição.

*Toma-me em teus braços e aperta-me
Depois volta-me a face e beija um a um todos os sinais do
meu rosto*

*Vem junto a mim, meu amor
Se o pudor te impede de me tocar, eu te atrairei a meus braços!*

*Já se ouve o galo maldito e o seu triste canto de despedida
O meu amante vai-se embora como um pássaro ferido...*

(ibidem, p. 17).

A presença marcante do discurso de desejo e valorização do amante, assim como a denúncia ao casamento infeliz constrói um elo de ligação com as cantigas escritas por mulheres transgressoras da Idade Média. Como aponta Rocha (2015), os *landays* femininos se aproximam, em seu conteúdo, das “Cantigas de Malmaridadas” que expressam: O marido ruim, feio, velho, ciumento, que maltrata a mulher; a mulher, geralmente mais jovem; o namorado/amante escolhido com o qual ela sonha. Além da aproximação com as “Malmaridadas”, o próprio discurso transgressor e de denúncia a uma condição feminina, muitas vezes insalubre, e de externização dos desejos silenciados de outros tipos de Cantigas, também constrói uma ponte com os *landays* femininos da tradição secular afegã. As obras que ganharam luz em nossa contemporaneidade são permeadas com elementos que buscam, dentre outras coisas, uma auto-representação feminina e enfatizam relações de gênero (DEPLAGNE, 2016).

[72] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

No período da Idade Média muitos homens assumiram, invasivamente, a autoria de textos que, posteriormente na contemporaneidade, teve essas autorias dadas às mulheres medievais. Não obstante, apesar da dificuldade de obter educação, as mulheres produziram cantigas que tiveram muita dificuldade de reconhecimento de sua autoria, o que causou por muito tempo na história a falsa ideia de que as mulheres não produziam literatura no medievo. Como destaca Lemaire,

Para a Idade Média o questionamento se centra tanto na ausência da mulher como agente/criadora cultural e literária, escamoteada e silenciada pela historiografia oficial, como no questionamento das práticas de edição textual e da tradição interpretativa dos textos (2015, p. 8).

No caso apresentado das mulheres afegãs temos uma situação oposta. Devido a impossibilidade de atuação na sociedade da voz feminina, um homem enfrentou a oposição social e conseguiu resgatar esses registros para serem publicados em outros países. A consequência dessa postura resultou para Sayd Majrouh seu assassinato quando fora exilado no Paquistão no final do século XX. Assim como nos diz Ria Lemaire em seu texto, o roubo da autoria feminina e a invenção de uma tradição de um imaginário feminino triste e repleto de lamentações e choros, segundo os poetas trovadores que diziam assumir uma inspiração na “alma feminina”, fizeram com que o ensino de literatura e a tradição literária dos séculos posteriores construíssem uma imagem das vozes femininas distorcidas e cristalizadas. (2015, p. 9). Como é visto na introdução do livro *doas landays* femininos, as mulheres cantavam prioritariamente sobre seus desejos, sobre a liberdade de sua sexualidade, mesmo vivendo sob condições de extremas dificuldades domésticas e sociais. A referência nítida ao tema pode ser conferida numa cantiga de “Malmaridada”, ou “Mal casada”, anônima, que ressalta a esperança de felicidade longe do casamento e do marido ruim, ciumento, e a realização do desejo sexual no amante que é cobiçado:

Quan lo gilós èr fora,
Bels amí venetz vos a mi.

Balada cointa e gaia
Fatz, cui pes ne cui plaia
Pel dolz cant que m'apaia
Que'us audi seir e de matin

[73] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

A HERANÇA DAS *TROBAIRITZ* NA POESIA DE HILDA HILST

Assim como é vista uma aproximação entre a poesia medieval feminina e os *landays*, escritoras contemporâneas brasileiras também apresentam esse diálogo, porém de maneira mais direta, trazendo uma ênfase para a memória coletiva das mulheres, como é o caso de Hilda Hilst. A brasileira foi uma poeta contemporânea que dedicou uma parte de sua obra para dialogar com a poesia medieval escrita por mulheres, principalmente através de algumas categorias específicas presentes na poesia medieval, transformando-a numa “neotrovadora”: a valorização do amor adúltero; o merecimento; e a autovalorização das virtudes e qualidades físicas do eu-lírico (DEPLAGNE, 2016, p. 467 – 468). A poema a seguir é retirado do livro *Trovas de muito amor para um amado senhor*:

Rica de amores
Tive perdida
Minha tão pobre
Tão triste vida.

Rica de amores
Mas ai! Por dentro
Tão consumida!
Tão triste
Tão assustada
Que eu bem sabia
Não ser aquela
A minha vida
Predestinada.
Tão triste vida
Mas ai, tornada
Leve
Quieta
Cantada...

Amores tive
Amor cantei.
Nenhum logrei
Cantar tão bem.

⁵ Os autores do texto em que o poema foi retirado apresentam a seguinte tradução para os versos: “Quando longe o ciumento,/ Vem pra mim, belo amigo./ O bailado tem me alegrado/ Tornado o desprazer agrado/ Pelo doce canto cantado/ À noite e de manhã, por nós ouvido”.

(HILST, 2017, p. 125- 126).

O canto também é algo que é retomado nas poetisas contemporâneas em análise, lembrando a forma de “chamar” o amor-amante, “amigo”, muitas vezes com o intuito de fuga para um renascimento que lhe roubará de sua vida infeliz. No poema de Hilst encontramos, além da característica da sonoridade presente, uma ligação temática com os *landays* femininos. Essa ligação é possível a partir dos tópicos presentes na voz feminina: O desejo e o amor ao amante; a negação ao marido; a poesia como espaço de auto-subjetivação e sexualidade; e a herança transgressora da poesia medieval de autoria feminina.

Deu-me o amor este dom:
O de dizer em poesia.
Poeta e amante é o que sou
E só quem ama é que sabe
Dizer além da verdade
E dar vida à fantasia

(HILST, 2017, p. 126).

Na primeira estrofe do poema XV do livro de Hilst, a voz que fala no poema é uma voz feminina que se encontra na angústia pelo seu amado, que na ausência deste escolhe a poesia como espaço de fala de seus desejos. O feminino que traz o poema é transgressor pela própria ação de escrever. A poesia, assim como nos outros contextos já citados nesse estudo, é um espaço que não se prende aos limites de um contexto real difícil e cheio de amarras na fala do sujeito feminino. Ao retomar essa construção estética e discursiva da literatura das *trobairitz* da idade média, Hilst reafirma uma genealogia da transgressão feminina dentro do espaço literário. A seguir, observamos mais uma aproximação com a poeta citada nos versos da medievalista Condessa de Dia:

Belo amigo, cortês, charmoso,
Quando em meu poder vos terei
E junto a vós me deitarei
Para dar-vos beijo amoroso?
Sabeis que em meus braços almejo
Ter-vos em lugar do marido.
Que vós cumprais o prometido:
Que será tudo ao meu desejo

[75] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. “Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...”, p. 62 - 77.

Ponho-me a cantar o que não queria,
Queixo-me tanto de quem sou a 'amiga'
Pois amo-o mais do que tudo na vida:
Mas nada o toca: dó, nem cortesia,
Nem minha alma, virtude, ou formosura
Por ele sou enganada e traída,
Como se desprovida de bravura

(DEPLAGNE, 2016).

Os *landays* junto à poesia de Hilda Hilst e às poetisas medievais constroem uma tríade histórica e geográfica de resistências no discurso feminino que não se esgota nos limites do sistema patriarcal. Essa tríade abarca uma reconstrução do tempo e da temática no percurso da condição feminina no mundo. Ressaltando ao mesmo tempo a importância de uma luta diária que busca desconstruir lugares já estabelecidos, como também demarcar na história social, e da produção literária, um lugar ocupado pelas produções de mulheres que fora diversas vezes ocultado pela hegemonia masculinista.

REFERÊNCIAS

BONNICCI, Thomas. Teoria e crítica póscolonialista. In: Bonnici, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências Contemporâneas**. Maringá: UEM, 2005.

DEPLAGNE, Luciana. Pelos Fios das Ancestrais. A Ressignificação Textual de Atuais Escritoras Tecelãs: Marina Colasanti, Hilda Hilst, Stella Leonardos e Adélia Prado. In: RICCI, Debora [et.al.] **Feminino plural: literatura, língua e linguagem nos contextos italiano e lusófono / Femminile Plurale: letteratura, lingua e linguaggi in âmbito lusofono e italiano**. Lisboa: CLEPUL, 2016.

_____. **Palavras em ato: A Literatura de autoria feminina na Idade Média**.

Disponível em:

<<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/405/200>>. Acesso em: 20/09/2017.

HILST, Hilda. Trovas de muito amor para um amado senhor. In: **Da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LEMAIRE, Ria. **Reler a idade média – repensar os estudos medievais**. Revista Graphos, vol. 17, n° 2, 2015.

[76] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. "Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...", p. 62 - 77.

LUCENA, Gilberto; DEPLAGNE, Luciana. **Tradução e comentário de uma canção medieval de mal casada**. Graphos. João Pessoa, Vol 11, N. 2, Dez./2009. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/4366/3299>. Acesso em: 20/09/2017.

MAJROUH, Sayd Bahodine. **A voz secreta das mulheres afegãs: o suicídio e o canto**. Trad. Ana Hatherly. Lisboa: Cavalo de Ferro Editores, 2005.

RAWA. Disponível em: <<http://www.rawa.org/index.php>> Acesso em 06/09/2017.

ROCHA, Maria das Vitórias de Lima. **Landays: A voz secreta das mulheres afegãs**. Disponível em: <http://mariadasvitorias.blogspot.com.br/2015/01/os-landays-voz-secreta-das-mulheres.html>. Acesso em: 20/09/2017.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

YOUNG, Robert. **Desejo Colonial**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ONU. **Centro Regional de Informação da ONU**. Disponível em: <<http://www.unric.org/pt/actualidade/25053>> Acesso em 06/09/2017.

[77] GARRAFA. Vol. 17, n. 50, Outubro-Dezembro 2019.2. "Hilda Hilst e os *landays* femininos afegãs...", p. 62 - 77.